

BOTÂNICA
APLICADA



Atena Editora

Atena Editora

BOTÂNICA APLICADA

Atena Editora
2018

Sumário

CAPÍTULO I

A IMPORTÂNCIA DAS FEIRAS NO COMÉRCIO DE PLANTAS MEDICINAIS: ESTUDO DE CASO DE PLANTAS MEDICINAIS COMERCIALIZADAS NAS FEIRAS LIVRES DO DISTRITO VILA VELHA/ ES

Jéssika Lima Cruz, Heloisa Pinto Dias, Germana Bueno Dias e Glória Maria de Farias Viégas Aquije 5

CAPÍTULO II

AVALIAÇÃO DO POTENCIAL ANTIOXIDANTE DE EXTRATOS DE UMA AMOSTRA DE PRÓPOLIS VERDE DA ZONA DA MATA MINEIRA

Nicolas Ripari e Marco Aurélio Sivero Mayworm 21

CAPÍTULO III

CHECKLIST DE ESPÉCIES VEGETAIS DO PARQUE NATURAL MUNICIPAL FLOR DO IPÊ, VÁRZEA GRANDE, MATO GROSSO – PARTE I

Wilian de Oliveira Rocha e Ermelinda Maria De-Lamonica-Freire 30

CAPÍTULO IV

“COMPOSIÇÃO FLORÍSTICA E ESPECTRO BIOLÓGICO NO PICO DO CALÇADO MIRIM, PARQUE NACIONAL DO CAPARAÓ MG/ES”

Jaqueline Alves Nunes Faria, Rúbia de Souza Pereira e Prímula Viana Campos 40

CAPÍTULO V

DIVERSIDADE DE RUBIACEAE JUSS. NA SERRA DO BONGÁ, ALTO SERTÃO PARAIBANO

Alessandro Soares Pereira e Maria do Socorro Pereira 55

CAPÍTULO VI

FLORAL BIOLOGY OF THREE SPECIES OF *MIMOSA* L. (LEGUMINOSAE-CAESALPINIOIDEAE) OCCURRING IN THE BRAZILIAN SEMIARID

Diego Augusto Oliveira Dourado, Luciene Cristina Lima e Lima, Juliana Santos-Silva e Adilva de Souza Conceição..... 77

CAPÍTULO VII

LEVANTAMENTO ETNOBOTÂNICO NA PRAIA DO SOSSEGO, NITERÓI, RJ

Renata Sirimarco da Silva Ribeiro e Odara Horta Boscolo 90

CAPÍTULO VIII

O USO DA ANIMAÇÃO APLICADO AO ENSINO DE CIÊNCIAS TENDO COMO FERRAMENTA A HORTA ESCOLAR

Karen Eline Barbosa Ferreira, Waisenhowerk Vieira de Melo e Lucineia Alves..... 109

CAPÍTULO IX

PERCEPÇÃO DE ALUNOS DO FUNDAMENTAL II SOBRE PLANTAS ATRAVÉS DE

DESENHOS

Adrielly Ferreira Silva, Alisson Plácido Silva, Livia Karine de Paiva Ferreira Costa e Rivete Silva Lima 127

CAPÍTULO X

PRODUÇÃO DE FITÓLITOS EM PLANTAS CARACTERÍSTICAS DA CAATINGA

Sarah Domingues Fricks Ricardo, Heloisa Helena Gomes Coe, Leandro de Oliveira Furtado de Sousa, Raphaella Rodrigues Dias e Emily Gomes..... 139

CAPÍTULO XI

PROJETO DE MANEJO DA ARBORIZAÇÃO PARA O ENRIQUECIMENTO AMBIENTAL NO CAMPUS DO CENTRO UNIVERSITÁRIO FUNDAÇÃO SANTO ANDRÉ – SANTO ANDRÉ, SP

Luísa Ameduri e Dagmar Santos Roveratti..... 161

CAPÍTULO XII

WOOD QUALIFICATION OF ATLANTIC FOREST NATIVE SPECIES FOR CELLULOSE AND ENERGY PRODUCTION

Marcelo dos Santos Silva, Francisco de Assis Ribeiro dos Santos e Lazaro Benedito da Silva..... 177

SOBRE OS AUTORES.....194

CAPÍTULO VII

LEVANTAMENTO ETNOBOTÂNICO NA PRAIA DO SOSSEGO, NITERÓI, RJ

**Renata Sirimarco da Silva Ribeiro
Odara Horta Boscolo**

LEVANTAMENTO ETNOBOTÂNICO NA PRAIA DO SOSSEGO, NITERÓI, RJ

Renata Sirimarco da Silva Ribeiro

Universidade Federal Fluminense, Niterói, Rio de Janeiro

Odara Horta Boscolo

Universidade Federal Fluminense, Niterói, Rio de Janeiro

RESUMO: A comunidade tradicional da Praia do Sossego está situada no Município de Niterói, a qual reside no local há mais de 30 anos, vivendo atualmente da pesca artesanal e do extrativismo sustentável de espécies vegetais. A falta de conhecimento desta comunidade acarreta na necessidade do registro e da valorização destes saberes. Os objetivos deste trabalho foram seja registrar os saberes tradicionais historicamente situados em seu território específico, através do levantamento e identificação das espécies vegetais utilizadas pelo grupo tradicional. Foram realizadas entrevistas com os moradores selecionados e a metodologia “História de vida” também foi empregada. A coleta do material botânico e as informações sobre os usos foram realizadas através da turnê guiada. O material coletado foi identificado e depositado no Herbário da Universidade Federal Fluminense. Foram citadas 50 etnoespécies pelos informantes, referentes a 25 espécies botânicas. Foram registradas quatro espécies cultivadas, 7 naturalizadas e 13 nativas. Das plantas nativas, três são endêmicas do Brasil, das quais duas são exclusivas de Mata Atlântica. Foram encontradas 20 famílias botânicas, sendo as mais representativas: Myrtaceae (4 espécies) e Anacardiaceae (3 espécies). A comunidade tradicional da Praia do Sossego apresenta um conhecimento etnobotânico e um grande contato com a flora nativa, através do extrativismo sustentável de plantas medicinais e alimentícias. Se faz necessária a valorização destes saberes como forma de reconhecer estes moradores como um grupo tradicional pertencente ao Município de Niterói.

PALAVRAS-CHAVE: Conhecimento tradicional, restinga, pescador artesanal.

INTRODUÇÃO

As sociedades tradicionais são consideradas grupos humanos que se reconhecem como tais e pertencem a um grupo particular. Apresentam simbologias e percepções próprias do mundo natural e do ambiente em que vivem e por tanto, expressam uma relação íntima e dependente com a natureza, onde os recursos naturais são utilizados através do manejo sustentável. Estas populações constroem todo um modo de vida próprio e um sistema de práticas sociais, culturais e econômicas baseados no conhecimento adquirido ao longo das gerações. (Diegues & Arruda, 2000).

Etnobotânica é um dos ramos da Etnobiologia, caracterizada por Albuquerque (2005a) como um campo interdisciplinar que permeia entre as ciências humanas e a botânica. Entende-se, por tanto, como o estudo das sociedades humanas viventes e suas diversas interações com as plantas em um

determinado contexto cultural, social e histórico, no que diz respeito ao conhecimento que possuem sobre as espécies vegetais, as diversas utilidades e representações que estes recursos apresentam.

Pesquisas em Etnobotânica são importantes, especialmente no território brasileiro, o qual abriga cerca de 4,5 milhões de pessoas pertencentes a diferentes sociedades tradicionais - índios, caiçaras, quilombolas, pescadores artesanais, entre outras vertentes - inseridos em uma grande diversidade de ecossistemas e ocupando uma área equivalente a 25% do território nacional. Desta forma, trabalhos nesta área auxiliam na aproximação do saber tradicional do saber científico, além de contribuir para o registro do conhecimento empírico destes grupos sobre os vegetais, evitando que tais informações não sejam perdidas (Fonseca-Kruel & Peixoto, 2004; Diegues & Viana, 2004; Gandolfo & Hanakazi, 2011; Melo et al., 2008; Silva Júnior & Souza, 2009).

A comunidade tradicional da praia do Sossego é uma comunidade situada em Niterói/RJ. O grupo reside no local há mais de 30 anos, a partir da vinda do Sr. Pedro Pereira, o qual utilizava a pequena agricultura familiar como base para a sobrevivência de sua família. Atualmente, existem dois núcleos familiares que vivem da pesca artesanal e da extração dos recursos vegetais, atividades estas econômica e socialmente importantes para esses moradores.

Porém a permanência desta comunidade em sua terra tradicionalmente ocupada está ameaçada a partir da emissão do mandato judicial para a sua remoção e reintegração de posse, apesar das famílias residentes se reconhecerem e serem reconhecidas como população tradicional pela Entidade que representa as diversas associações de comunidades tradicionais do Município de Niterói, o Fórum de Comunidades Tradicionais de Niterói, o que afirma e legitima sua territorialidade e o seu conhecimento.

A falta de conhecimento histórico e cultural da comunidade tradicional da Praia do Sossego - tanto no campo científico quanto no campo político - faz com que o objetivo deste trabalho seja registrar os saberes tradicionais historicamente situados em seu território específico, através do levantamento e identificação das espécies vegetais utilizadas pelo grupo tradicional.

MATERIAL E MÉTODOS

O trabalho foi realizado no Monumento Natural da Praia do Sossego (22°57'29.4"S 43°04'12.3"W) localizado entre a praia de Cambinhas, à leste, e a praia de Piratininga, à oeste (Figura 1) no Município de Niterói, Estado do Rio de Janeiro. A praia se encontra entre os rochedos das pontas da Furna do Mero e Pé-de-boi, formando assim um anfiteatro no local. Com uma vegetação característica do bioma Mata Atlântica, sobretudo de restinga, apresenta extensão de aproximadamente 140 metros é considerado uma das belas paisagens do município (BRASIL, 2003; Borde, 2011).

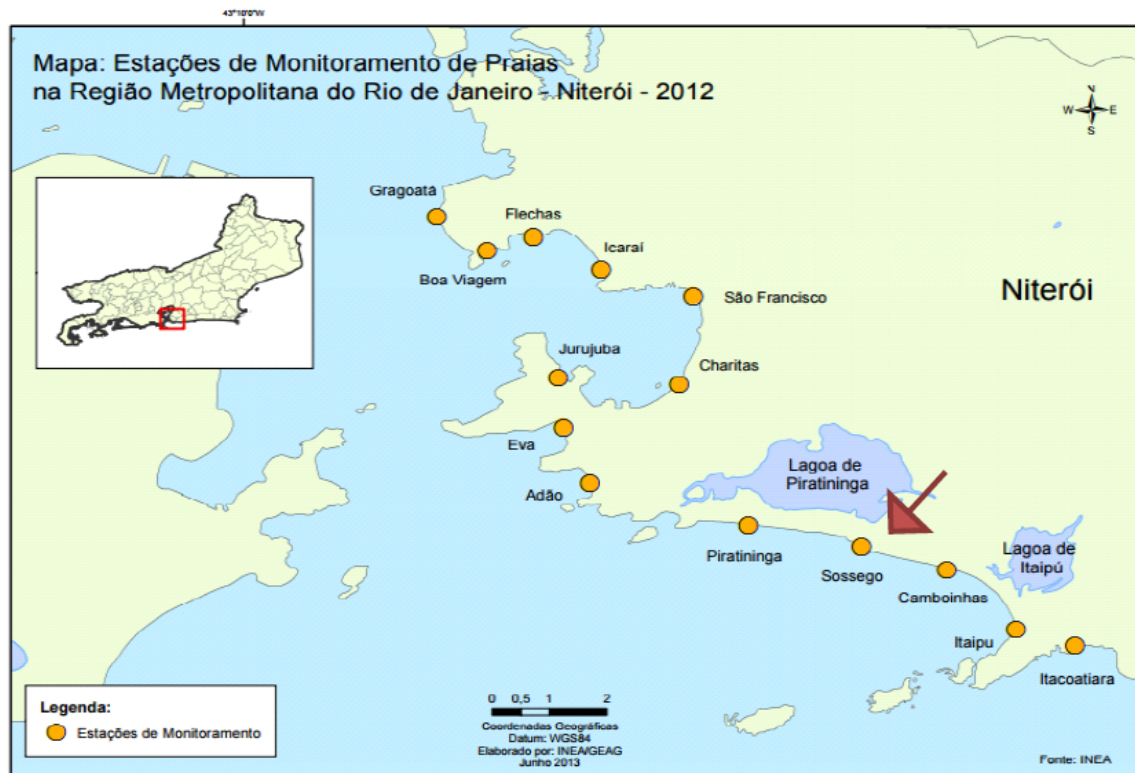


Figura 1: Localização da Praia do Sossego, Niterói, RJ.
Fonte: INEA, 2013.

O local abrange duas áreas de conservação, o Parque Municipal de Niterói (PARnit) e a Reserva Extrativista de Itaipu (RESEX). O PARnit abrange três grandes setores: Setor Guanabara, Setor Montanha e Setor Costeiro/Lagunar. Este último incorpora a Ilha do Veado, a Ponta da Galheta, a Praia do Sossego e a Laguna de Piratininga (BRASIL, 2014; Prefeitura de Niterói, 2016). A Reserva Extrativista de Itaipu (Resex) compreende 3 grandes áreas: a enseada de Itaipu, Itacoatiara e Piratininga, além da área marinha adjacente às praias de Camboinhas e a entrada da Baía de Guanabara (BRASIL, 2013).

A comunidade da Praia do Sossego conta atualmente com 8 moradores. Após os primeiros contatos com o grupo, os moradores Cláudio e sua esposa Rosângela mostraram interesse com relação à pesquisa e desta forma, foram selecionados para participar. Cláudio é considerado o pescador artesanal da comunidade, sendo sua família a primeira a habitar o local. Foram feitas 48 entrevistas no período de março de 2016 até novembro de 2017, a partir de visitas quinzenais com intuito de investigar como e quais espécies vegetais são utilizadas da flora local e para que fim. A metodologia "História de vida" (Albuquerque, 2004) também foi utilizada com o casal entrevistado.

Para a coleta do material botânico foi usado o método de turnê guiada ou "walking - on- the- woods" (Godoy, 1995), onde os informantes - em visitas diferentes e de forma individual - caminharam pela área de estudo junto ao entrevistador, onde apontaram as espécies conhecidas e seus usos.

As plantas citadas pelos informantes foram coletadas, prensadas, herborizadas (Moriet et al., 1989) e depositados no Herbário da UFF. Para a identificação do

material coletado, foram consultadas chaves analíticas e literatura taxonômica especializada, além de consultas a especialistas e ao Herbário virtual do Instituto de Pesquisas do Jardim Botânico do Rio de Janeiro.

Para a verificação da origem das espécies coletadas – nativas, naturalizadas ou exóticas - foram realizadas consultas a Lista de Espécies da Flora do Brasil, disponível em: <<http://floradobrasil.jbrj.gov.br>>. Para as definições de espécies nativas, naturalizadas e exóticas, foi utilizado o trabalho de Moro et al. (2012).

Para a análise quantitativa dos dados, os relatos obtidos nas entrevistas em relação aos usos das plantas foram transcritas e organizadas em um banco de dados no programa Excel®, indicando, para cada espécie vegetal sua categoria de uso, família, nome científico, nome vulgar, forma de vida, parte utilizada, nome do informante, nome e número do coletor do espécime botânico. As categorias adotadas neste trabalho foram ALIMENTÍCIA, MEDICINAL, ORNAMENTAL, RITUAL E *SUI GENERIS*. Neste caso, a categorização foi estabelecida a partir da percepção dos informantes sobre cada planta citada, atribuindo à elas as informações contidas na tabela 1:

Tabela 1: Categorias de uso para as plantas citadas pelos informantes da comunidade tradicional da Praia do Sossego, Niterói, RJ.

Categoria	Informações
Alimentícia	Plantas utilizadas na alimentação humana ou para os animais silvestres, além de bebidas como sucos e vitaminas.
Medicinal	Plantas utilizadas para fins de tratamento de doenças, mal-estar, dores (“pancadas”) ou ferimentos em humanos ou animais domésticos.
Ritual	Uso de plantas para o bem-estar espiritual e contra mau-olhado.
Ornamental	Plantas consideradas “bonitas”; Plantas utilizadas para enfeitar o antigo jardim; Plantas que sombreiam.
<i>Sui generis</i>	Plantas conhecidas pelos informantes, porém sem utilidade para a comunidade.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Foram citadas 50 etnoespécies (nomes populares) pelos informantes. Destas, 26 foram identificadas em 25 espécies botânicas, das quais 23 espécies foram coletadas. Vinte e duas foram identificadas em nível de espécie e uma foi identificada em nível de gênero (Tabela 2). Duas espécies [*Alternanthera brasiliana*

(L.) Kuntze e *Dracaena* sp.] foram identificadas em campo, porém não foram coletadas.

Foram registradas quatro espécies cultivadas, 7 naturalizadas e 13 nativas (Tabela 2). Para *Malvaviscus arboreus* Cav. e *Plectranthus barbatus* Andrews, a Lista da Flora do Brasil acusou que não ocorrem no país e a espécie *Dracaena* sp. não consta no banco de dado em questão. Contudo, Lorenzi & Sousa (2001) consideram tanto a espécie *Malvaviscus arboreus* Cav. quanto *Dracaena* sp. como cultivadas no Brasil.

Das plantas nativas, três são endêmicas do Brasil, das quais duas são exclusivas de Mata Atlântica: o coquinho da restinga [*Allagoptera arenaria* (Gomes) Kuntze], o qual ocorre apenas na vegetação de restinga e a pitanga “braba” [*Eugenia cuprea* (O.Berg) Nied.], a qual ocorre na floresta ombrófila e na restinga.

O maior número de espécies nativas usadas pelos informantes da comunidade se dá pela retirada de frutas e plantas medicinais de forma ocasional e em pequena escala, o que indica o maior contato destes com as plantas já encontradas na vegetação local. Apesar dos informantes não terem nascido no local, a criação no ambiente de restinga – no caso do informante Cláudio – e a transmissão de seu conhecimento e de sua família para a informante Rosângela, influencia na escolha da flora nativa em detrimento a plantas cultivadas. Tal fato, por sua vez, indica tanto o conhecimento prévio sobre as potencialidades de uso destes vegetais quanto a adaptabilidade dos saberes do grupo tradicional para com a região e a interação deste com outras comunidades através de redes informais de conhecimento e, assim como Brito & Senna-Valle (2011) colocam em seu trabalho, por meio de troca de mudas e receitas.

Foram encontradas 20 famílias botânicas, sendo as mais representativas: Myrtaceae (4 espécies) e Anacardiaceae (3 espécies). As demais famílias apresentam uma espécie cada (Figura 2).

Tabela 2: Espécies citadas pelos informantes da Comunidade Tradicional da Praia do Sossego (Niterói, RJ) com as respectivas famílias, nomes específicos, nomes populares, origem: cultivada, naturalizada ou nativa. Categorias de uso: Al – Alimentícia; Me – Medicinal; Or – Ornamental; Rt – Ritualística; SG – *Sui Generis*. (*) espécies nativas endêmicas do Brasil, (**) espécies endêmicas de Mata Atlântica.

FAMÍLIA/Nome Científico	Nome local	Categoria de Uso	Origem	Parte utilizada	Finalidade	Preparo
Amaranthaceae						
<i>Alternanthera brasiliana</i> (L.) Kuntze	bezetacil	Me	nativa	Folha	Dores em geral	Chá
Amaryllidaceae						
<i>Hippeastrum puniceum</i> (Lam.) Kuntze	lírio	Or	nativa	Flor	Ornamentação	Sem preparo
Anacardiaceae						
<i>Schinus terebinthifolius</i> Raddi.	aroeira	Me	nativa	Semente e Folha	Dor de dente; Coceira	Chá da casca das sementes; Banho com as folhas
<i>Anacardium occidentale</i> L.	caju	Me; Al	nativa	Casca do caule; Folha; Pseudofruto	Mal estar; Alimento	Chá; Pseudofruto consumido in natura
<i>Mangifera indica</i> L.	manga	Al	cultivada	Fruto	Alimento	Fruto consumido in natura
Arecaceae						
<i>Allagoptera arenaria</i> (Gomes) Kuntze	coquinho-da-restinga	Al	nativa**	Fruto	Alimento	Fruto consumido in natura
Asparagaceae						

<i>Agave sisalana</i> Perrine	pita	Me; SG	naturalizada	Folha	Coceira de cachorro; Fabricação de tranças	Látex pingado no local; Preparo desconhecido
Cactaceae						
<i>Pereskia aculeata</i> Mill.	cipó-bravo	SG	nativa	Desconhecida	Desconhecida	Desconhecido
Cannaceae						
<i>Canna indica</i> L.	sem identificação	Or	nativa	Flor	Ornamentação	Sem preparo
Caricaceae						
<i>Carica papaya</i> L.	mamão	Al	naturalizada	Fruto	Alimento	Fruto consumido in natura
Combretaceae						
<i>Terminalia catappa</i> L.	amendoeira	Or; Al	naturalizada	Toda a planta	Ornamentação (Sombra); Alimento	Sem preparo; Fruto consumido in natura
Crassulaceae						
<i>Kalanchoe crenata</i> (Andrews) Haw.	saião	Me	naturalizada	Folha	Remédio para o pulmão; Machucados em geral	Folhas "esquentadas" no local do machucado; Leite batido com saião
Euphorbiaceae						
<i>Jatropha gossypifolia</i> L.	pinhão-roxo	Me; Rit	nativa	Folha	Dor de dente; Coceira; Mau olhado	"Leite" colocado na dor de dente; Banho preparado com as folhas
Lamiaceae						
<i>Plectranthus barbatus</i> Andr.	boldo-grande;	Me	cultivada	Folha	Mal estar do	Chá

	boldo-do-chile				figado(ressaca)	
Liliaceae						
<i>Dracaena</i> sp.	miçanga	SG	cultivada	Semente	Confecção de colares	Preparo desconhecido
Malvaceae						
<i>Malvaviscus arboreus</i> Cav.	sem identificação 2	Or	cultivada	Flor	Ornamentação	Sem preparo
Musaceae						
<i>Musa paradisiaca</i> L.	banana	Al	cultivada	Fruto	Alimento	Fruto consumido in natura
Myrtaceae						
<i>Eugenia cuprea</i> (O.Berg) Nied.	pitanga braba	Me	nativa**	Fruto	Alimento	Chá Fruto consumido in natura;
<i>Eugenia uniflora</i> L.	pitanga	Me; Al	nativa	Folha e Fruto	Gripe; Alimento	Preparo de sucos
<i>Psidium guajava</i> L.	goiaba	Me; Al	nativa	Folha e Fruto	Dor de barriga; Alimento	Chá
<i>Syzygium cumini</i> (L.) Skeels	jamelão	Al	naturalizada	Fruto	Alimento	Fruto consumido in natura
Nyctaginaceae						
<i>Bougainvillea glabra</i> Choisy	bougainville	Or	nativa*	Flor	Ornamentação	Sem preparo
Passifloraceae						
<i>Passiflora edulis</i> Sims	maracujá	Al	nativa	Fruto	Alimento	Fruto consumido in natura
Sapotaceae						
<i>Sideroxylon obtusifolium</i> (Roem. & Schult.) T.D.Penn.	quixaba; quixabeira	Al	nativa	Fruto	Alimento	Fruto consumido in natura
Verbenaceae						
<i>Lantana camara</i> L.	chumbinho; bem-me-quer	Al	naturalizada	Fruto	Alimento	Fruto consumido in natura

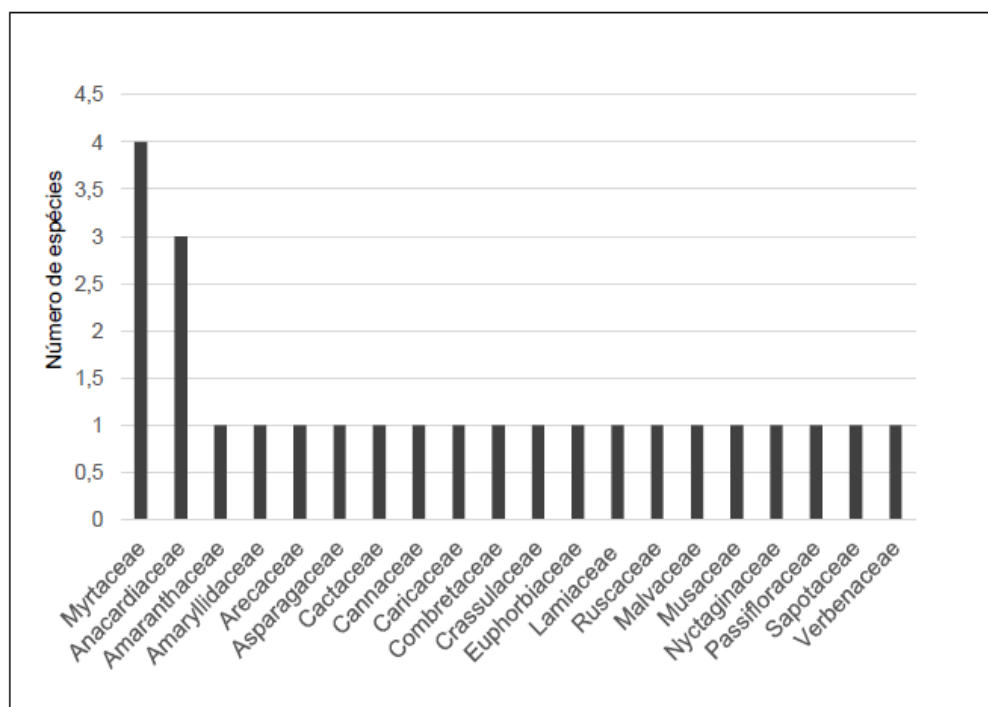


Figura 2: Número de espécies por famílias citadas pelos informantes da comunidade tradicional da Praia do Sossego, Niterói, RJ.

Myrtaceae é considerada uma das principais famílias botânicas presentes nas restingas brasileiras, sendo apontada como a mais característica deste tipo de formação (Assis *et. al*, 2004; Guedes *et. al*, 2006; Lopes & Lobão, 2013; Magnago *et. al*, 2011).

Esta família também é encontrada em outros trabalhos de cunho etnobotânico realizados com caiçaras e pescadores artesanais em áreas de restinga pela costa brasileira, no litoral Estado do Rio de Janeiro (Fonseca-Kruel & Peixoto, 2004), no litoral do Espírito Santo (Lopes & Lobão, 2013), no litoral do Estado de São Paulo e de Santa Catarina (Melo *et. al*, 2008; Miranda & Hanazaki 2008). Apesar de serem locais geograficamente distintos e por este fato, possuírem uma variação na composição de espécies vegetais quanto comparados a estudos em uma única localidade, estes resultados não só reafirmam a maior tendência de espécies de Myrtaceae estarem em locais de restinga, como pode-se inferir que há uma preferência na utilização desta família como fonte de recursos para comunidades tradicionais no ambiente de restinga.

Com relação aos usos das espécies vegetais, a categoria mais citada foi a alimentícia, seguida da medicinal, da ornamental, da *sui generis* e da ritualística (Figura 3).

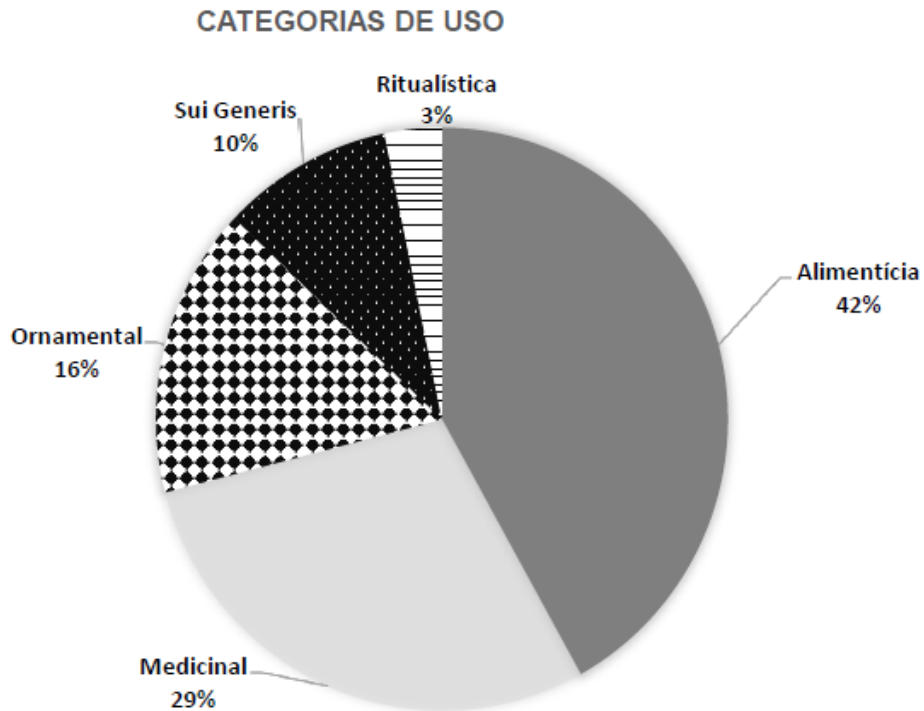


Figura 3: Porcentagem de plantas por categorias de uso citadas pelos informantes da comunidade tradicional da Praia do Sossego, Niterói, RJ.

Foram identificadas 12 espécies consideradas de múltiplos usos, ou seja, que não são exclusivas de uma única categoria por não possuem apenas uma única finalidade (Figura 4). É o caso da goiaba (*Psidium guajava* L.), cuja as folhas são utilizadas em chás para dor de barriga e os frutos são consumidos *in natura*. Outro exemplo é a amendoeira (*Terminalia catappa* L.), a qual é usada como sombra para os moradores da comunidade e seus frutos são consumidos *in natura*.

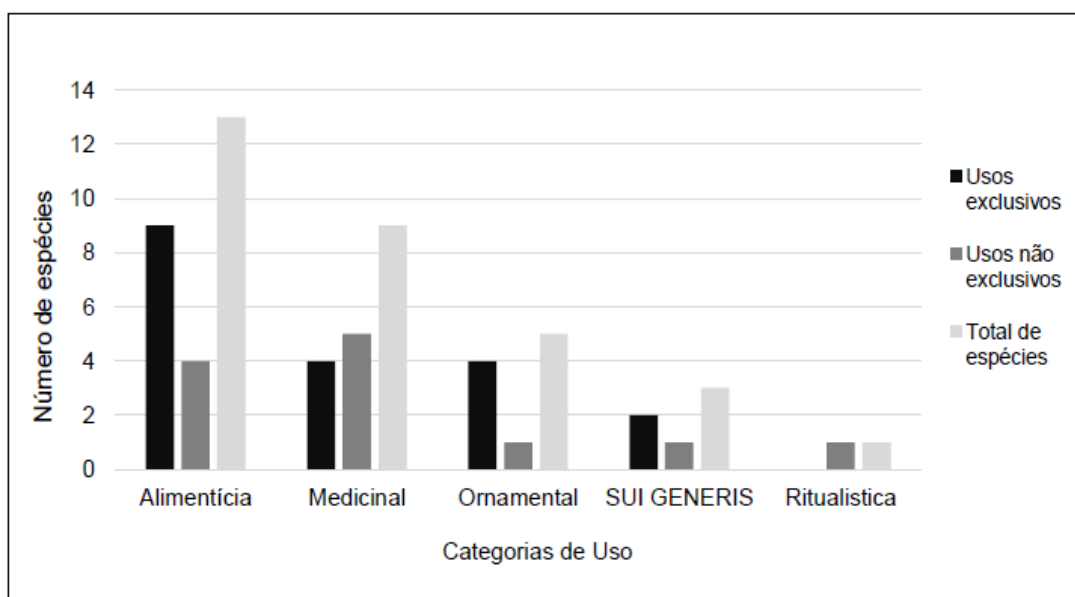


Figura 4: Número de espécies exclusivas e não exclusivas por cada categoria de uso citada pelos informantes da comunidade tradicional da Praia do Sossego, Niterói, RJ.

Na categoria alimentícia, destaca-se apenas o fruto como parte utilizada, o qual é consumido *in natura* ou na preparação de sucos pelos informantes da comunidade tradicional. Comparando as famílias mais representativas neste trabalho com a categoria alimentícia, foi possível perceber que há o maior consumo de espécies de Myrtaceae (Figura 5), como a pitanga (*Eugenia uniflora* L.), a goiaba (*Psidium guajava* L.) e o jamelão [*Syzygium cumini* (L.) Skeels]. Esta constatação pode estar relacionada com o fato dos moradores da comunidade se alimentarem das frutas de forma ocasional e em suas respectivas estações. Portanto, assim como Gandolfo & Hanazaki (2011) relatam em seu trabalho, as espécies frutíferas desta família não são a base da dieta e nem as principais fontes energéticas para esta comunidade, mas sim alimentos que complementam a sua alimentação.

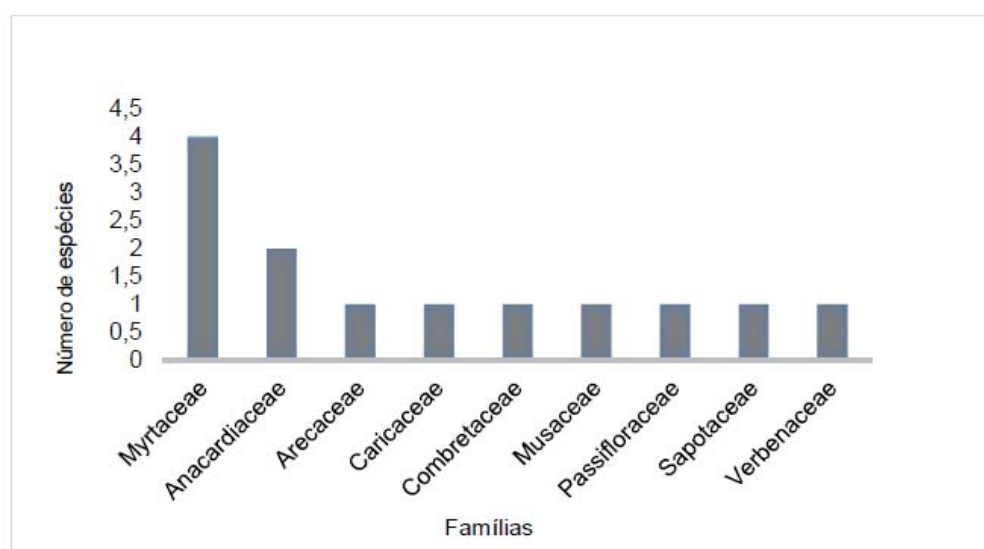


Figura 5: Número de plantas alimentícias citadas por famílias obtidas através das entrevistas com os moradores tradicionais da Praia do Sossego, Niterói, RJ.

Ainda com relação as plantas alimentícias citadas pelos informantes, 6 são nativas, 5 são naturalizadas e duas são cultivadas (Tabela 2). Das espécies alimentícias, destaca-se o consumo *in natura* do fruto do coquinho da restinga [*Allagoptera arenaria* (Gomes) Kuntze] e da quixaba [*Sideroxylon obtusifolium* (Roem. & Schult.) T.D.Penn.], espécies nativas do Brasil ocorrentes na restinga e que estão disponíveis no ambiente natural que esta comunidade está inserida.

Outros estudos etnobotânicos realizados com populações locais em restingas no Estado do Rio de Janeiro (Fonseca-Kruel et. al, 2006; Santos et. al, 2009), obtiveram os mesmos resultados em relação ao uso específico destas espécies, o que pode estar relacionado com duas hipóteses. Primeiramente, pela proximidade dos espaços geográficos, pode ter ocorrido o intercâmbio de informações acerca do conhecimento e utilidade das plantas entre os moradores destes diferentes grupos tradicionais. Em segundo ponto, estas comunidades - por estarem localizadas na costa brasileira - podem ter sofrido influências semelhantes durante a formação das bases socioculturais dos habitantes do

litoral e assim, reafirmando o que Adams (2000) ressalta em seu trabalho, existem elementos culturais e sociais comuns a toda a costa brasileira.

Kinupp & Lorenzi (2014) destacam que mais de 3.000 espécies com potencial alimentício ocorrem em diferentes regiões do Brasil, mas que, por fatores culturais, pela globalização alimentar e pela preferência a alimentos exóticos, esta biodiversidade é negligenciada. Desta forma, é interessante notar que a utilização destas plantas comestíveis ganha uma dimensão mais importante, uma vez que não só favorece a diversificação do cardápio da comunidade e a sua segurança alimentar, mas também – de forma intencional ou não – a valorização de recursos vegetais brasileiros locais e naturais.

A categoria medicinal obteve um total de 9 espécies identificadas. Anacardiaceae e Myrtaceae são as famílias mais representativas para esta categoria, ambas com duas espécies. As demais famílias apresentam uma espécie cada, ocorrendo duas citações de plantas medicinais para Lamiaceae. Em relação a parte mais utilizada na preparação dos remédios caseiros, se observou a maior utilização das folhas (9 citações). Foram citados também a utilização da casca de sementes (1 citação) e da casca do caule (1 citação). A partir deste resultado, pode-se inferir que a construção do conhecimento e conseqüentemente, o uso da folha para fins fitoterápicos, está relacionado com a maior disponibilidade deste recurso vegetal quando comparado com as outras partes da planta, como os frutos e as sementes. O emprego de plantas medicinais é uma prática bastante habitual para os moradores da comunidade, contando assim 10 diferentes finalidades. Destes tratamentos, 64% são preparados na forma de chás. De acordo com a origem das espécies, 7 são nativas, uma é naturalizada e uma é cultivada. O maior uso das plantas nativas de cunho medicinal corrobora com a hipótese de que há um maior convívio com a restinga, dito anteriormente (Tabela 2).

Comparando com outros trabalhos de enfoque etnobotânico com comunidades tradicionais no Estado do Rio de Janeiro (Brito & Senna-Valle, 2011; Christo *et al.*, 2006; Fonseca-Kruel & Peixoto, 2004), se observa a importância do emprego de espécies com recursos medicinais para estes grupos. Entretanto, nestes estudos, há o maior número de espécies exóticas cultivadas em vasos ou quintais, o que se relaciona com a maior comodidade que o cultivo representa. Neste contexto, Amorozo (2002) destaca que, a partir do contato com outros tipos de sociedade e do intercâmbio cultural, há a incorporação de conhecimentos em relação a novas espécies de maioria exótica. Tal fato, segundo Brito & Senna-Valle (2011), pode influenciar diretamente na representatividade da vegetação nativa para as comunidades, uma vez que esta perde importância contrariamente ao interesse das plantas cultivadas, o que colabora para a perda do saber tradicional sobre a flora nativa.

No caso da comunidade da Praia do Sossego, contudo, há a maior dependência dos recursos vegetais que ocorre tanto pela preferência dos moradores as plantas com propriedades medicinais quanto pela realidade que este grupo é condicionado: há dificuldade de acesso aos centros urbanos tanto

pela pouca disponibilidade de transporte coletivo e pelo distanciamento da praia do sossego a estes espaços, nos quais se encontram os hospitais públicos, clínicas e postos de saúde. Desta forma, a falta de facilidades médicas também influencia no tratamento das enfermidades mais comuns, o qual ocorre pela retirada da flora nativa em diminuta escala quando há uma demanda específica da comunidade. Assim como Giraldi (2012) destaca em seu trabalho, a preferência em utilizar plantas medicinais para a saúde consolida as práticas e saberes tradicionais, além de propiciar o contato direto com a vegetação local.

Por outro lado, destaca-se o cultivo em vasos do saião [*Kalanchoe crenata* (Andrews) Haw.], da “bezetacil” [*Alternanthera brasiliana* (L.) Kuntze], plantas que foram doadas por terceiros à comunidade. Tal resultado evidencia que, apesar dos moradores da comunidade apresentarem um estilo de vida mais integrado com a vegetação nativa, estes estão abertos à introdução de novas espécies em seu cotidiano. Neste sentido, assim como Albuquerque (2005b) e Toledo & Barrera-Bassols (2009) ressaltam, o conhecimento tradicional – transmitido no espaço e no tempo - apresenta sua própria forma dinâmica e mutável e se renova à medida que há novas experiências por circunstâncias históricas novas, através de “variações, eventos imprevistos e surpresas diversas” (Toledo & Barrera-Bassols, 2009).

Foram citadas 5 plantas ornamentais, referentes a 5 espécies botânicas, totalizando 5 famílias (Tabela 2). Destas, apenas o lírio [*Hippeastrum puniceum* (Lam.) Kuntze] encontra-se em um vaso na casa da família. As outras plantas estão ou dispersas pela trilha que dá acesso a Praia do Sossego (*Terminalia catappa* L., *Malvaviscus arboreus* Cav., *Bougainvillea glabra* Choisy) ou estão perto da antiga casa que fora demolida (*Canna indica* L.). A maioria das plantas identificadas são nativas (3), sendo uma endêmica do Cerrado e Mata Atlântica. Uma espécie é naturalizada e uma é cultivada. A parte vegetal mais utilizada é a flor (5), porém foi citada a utilização de toda a planta como ornamento. É o caso da amendoeira (*Terminalia catappa* L.), a qual é usada por “dar uma boa sombra”, segundo a informante Rosângela.

Foi citado apenas uma única planta ritualística, cuja utilização está relacionada a cura contra o “mal olhado”. Neste caso, as folhas do pinhão roxo (*Jatropha gossypifolia* L.) são usadas para a feitura de banhos apenas pelo informante Cláudio, o qual extrai - quando necessário - as folhas desta planta (Tabela 2).

Ainda, os informantes citaram algumas plantas conhecidas por eles e que não fazem parte do cotidiano da comunidade. Estas foram agrupadas na categoria denominada *Suis Generis*. Em tal caso, se observa dois cenários: primeiramente, houve a identificação de plantas com caráter utilitário para terceiros, como a miçanga (*Dracaena* sp.) e a pita (*Agave sisalana* Perrine). Contudo, o cipó bravo (*Pereskia aculeata* Mill.) também foi citado, mas que não apresenta qualquer função (ou finalidade) conhecida pelo informante Cláudio (Tabela 2).

Neste contexto, foi possível perceber que há interações entre os moradores

da comunidade e as plantas que não reflete, necessariamente, em um caráter utilitário sobre os recursos vegetais. Ou seja, as plantas são nomeadas e identificadas pelos informantes, mas há - dentro deste espectro de conhecimento - aquelas que têm um uso atribuído e outras que estes moradores detêm apenas o saber local. Desta forma, não há um sistema de práticas produtivas (uso e/ou manejo da natureza), mas um repertório de conhecimentos acumulados e, assim como Giraldi (2012) destaca em seu trabalho, “o conhecimento botânico local não deve ser confundido com o uso efetivo das plantas conhecidas”.

CONCLUSÃO

Esta pesquisa permitiu identificar que a comunidade tradicional da Praia do Sossego apresenta conhecimento etnobotânico acerca das espécies vegetais encontradas no território tradicionalmente ocupado, o que se reflete não só na dependência destes recursos vegetais, como também na apropriação destes recursos de forma não exploratória. É o caso das plantas medicinais, as quais são usadas pelos informantes quando há uma demanda específica para tal.

Além disso, o grupo tradicional demonstrou ser “aberto” para a incorporação de novos saberes externos, fato demonstrado no uso de plantas cultivadas em vasos que foram doadas para a comunidade.

No caso das plantas alimentícias, estas representam atualmente a fonte secundária de nutrientes para a comunidade pelo consumo de frutos. Tal evidência demonstra que a maioria dos alimentos utilizados no dia a dia por eles não são obtidos pelo cultivo de plantas, mas são comprados em mercados ou mercearias quando vão a rua.

A certa divergência entre o conhecimento e o uso efetivo de certas plantas, evidenciado na categoria *suis generis*, demonstra como o conhecimento etnobotânico é dinâmico e pode sofrer alterações ao longo das gerações, fato que ocorreu na comunidade da Praia do Sossego.

Sendo assim, a partir da constatação da existência deste saber local, se observa a necessidade da valorização deste conhecimento a partir do reconhecimento - tanto no campo científico quanto no campo jurídico - destes moradores como um grupo tradicional inserido no Município de Niterói, o que legitimaria em partes, o pluralismo sociocultural presente no município.

REFERÊNCIAS

Adams, C. **As populações caiçaras e o mito do bom selvagem: a necessidade de uma nova abordagem interdisciplinar.** Revista de Antropologia USP, 43(1): 146-182, 2000.

Albuquerque, U. P; Lucena, R. F. P. **Métodos e técnicas na pesquisa Etnobotânica.**

1. ed. Recife: NUPEEA, 2004. 189p.

Albuquerque, U. P. **Introdução à Etnobotânica**. 2 ed. Rio de Janeiro: Interciência, 2005a. 80p.

Albuquerque, U.P. **Etnobiologia e Biodiversidade**. Recife: NUPEEA/Sociedade Brasileira de Etnobiologia e Etnoecologia, 2005b. 78p.

Amorozo, M. C. M. **Uso e diversidade de plantas medicinais em Santo Antônio do Leverger, MT, Brasil**. Acta Botanica Brasilica, 16(2): 189-203, 2002.

Assis, A. M.; Thomaz, L. D.; Pereira, O. J. **Florística de um trecho de floresta de restinga no município de Guarapari, Espírito Santo, Brasil**. Revista Acta Botanica Brasilica, 18(1): 191-201, 2004.

Borde, L. Q. **Programa de Preservação e Recuperação Ambiental da Praia do Sossego, Niterói, RJ. 2011**. Disponível em: <<http://www.avm.edu.br/>>. Acesso em: 07 de mar. de 2016.

Brasil. Decreto Municipal Nº 9058/2003, de 22 de agosto de 2003. **Fica aprovado e assim instituído o Plano de Manejo do Monumento Natural da Praia do Sossego**. Disponível em: <<http://pgm.niteroi.rj.gov.br/>>. Acesso em: 18 de out. de 2016.

Brasil. Decreto Nº 44.417, de 01 de outubro de 2013. **Cria a Reserva Extrativista Marinha de Itaipu no Município de Niterói e dá outras providências**. Disponível em: <<http://www.inea.rj.gov.br/>>. Acesso em: 30 de ago. de 2017.

Brasil. Decreto Municipal Nº 11744/2014, de 24 de outubro de 2014. **Cria o Programa Niterói Mais Verde (Parque Municipal de Niterói – PARNIT, e o Sistema Municipal de Áreas de Proteção Ambiental – SIMAPA) e dá outras providências**. Disponível em: <<https://leismunicipais.com.br/>>. Acesso em: 20 de ago. de 2017.

Brito, M. R.; Senna-Valle, L. **Plantas medicinais utilizadas na comunidade caiçara da Praia do Sono, Paraty, Rio de Janeiro, Brasil**. Revista Acta Botanica Brasilica, 25(2): 363-372, 2011

Christo, A. G.; Guedes-Bruni, R. R.; Fonseca-Kruel, V. S. **Uso de recursos vegetais em comunidades rurais limítrofes à Reserva Biológica de Poço das Antas, Silva Jardim, Rio de Janeiro: estudo de caso na Gleba Aldeia Velha**. Rodriguésia, 57 (3): 519-542, 2006.

Diegues, A. C.; Arruda, R. S. V. (Orgs.). **Os saberes tradicionais e biodiversidade no Brasil**. São Paulo: NUPAUB-USP, MMA, 2000. 189p.

Diegues, A.C.; Viana, V. M. **Comunidades tradicionais e manejo dos recursos naturais da Mata Atlântica**. 2. ed. São Paulo: Editora HUCITEC - Núcleo de Apoio à Pesquisa Sobre Populações Humanas e Áreas Úmidas Brasileiras (NUPAUB/USP), 2004. 273p.

Fonseca-Kruel, V. S.; Peixoto, A. L. **Etnobotânica na Reserva Extrativista Marinha de Arraial do Cabo, RJ, Brasil**. Acta Botânica Brasilica, 18(1): 177-190, 2004.

Fonseca-Kruel, V. S.; Peixoto, A. L.; Araújo, D. S. D.; Sá, C. F. C.; Silva, W. L.; Ferreira, A. J. **Plantas úteis da restinga: O saber dos pescadores artesanais de Arraial do Cabo, Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Instituto de Pesquisas Jardim Botânico do Rio de Janeiro, 2006. 42p.

Gandolfo, E. S.; Hanazaki, N. **Etnobotânica e urbanização: conhecimento e utilização de plantas de restinga pela comunidade nativa do distrito do Campeche (Florianópolis, SC)**. Acta Botânica Brasilica, 25(1): 168-177, 2011.

Giraldi, M. **Recursos alimentares vegetais de duas comunidades caiçaras no Sudeste do Brasil: discutindo modos de vida e segurança alimentar**. 2012. 77p. Tese (Mestrado) - Programa de Pós-graduação em Botânica, Universidade Federal Rural de Pernambuco.

Godoy, A. S. **Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades**. Revista de Administração de Empresas, 35(2): 57- 63. 1995.

Guedes, D.; Barbosa, L. M.; Martins, S. E. **Composição florística e estrutura fitossociológica de dois fragmentos de floresta de restinga no Município de Bertoga, SP, Brasil**. Acta Botânica Brasilica, 20(2): 299-311, 2006.

Inea. **Instituto Ambiental do Ambiente**. 2013. Disponível em: <<http://www.inea.rj.gov.br/>>. Acesso em: 07 de mai. de 2016.

Kinupp, V.F; Lorenzi, H. **Plantas Alimentícias Não Convencionais (PANC) no Brasil: guia de identificação, aspectos nutricionais e receitas ilustradas**. 1 ed. Nova Odessa: Plantarum, 2014. 768p.

Lista de Espécies da Flora do Brasil. Jardim Botânico do Rio de Janeiro. Disponível em: <<http://floradobrasil.jbrj.gov.br/>>. Acesso em: 20 de set. de 2017.

Lopes, L. C. M.; Lobão, A. Q. **Etnobotânica em uma comunidade de pescadores artesanais no litoral norte do Espírito Santo, Brasil**. Boletim do Museu de Biologia Mello Leitão, (32): 29-52, 2013.

Lorenzi, H.; Souza, H. M. **Plantas ornamentais no Brasil**. 3. ed. Nova Odessa:

Plantarum, 2001. 1088p.

Magnago, L. F. S.; Martins, S. V.; Pereira, O. J. **Heterogeneidade florística das fitocenoses de restingas nos Estados do Rio de Janeiro e Espírito Santo, Brasil.** Revista Árvore, 35 (2): 245-254, 2011.

Melo, S., Lacerda, V. D. & Hanazaki, N. **Espécies de restinga conhecidas pela comunidade do Pântano do Sul, Florianópolis, Santa Catarina, Brasil.** Rodriguésia, 59 (4): 799-812, 2008.

Miranda, T. M. & Hanazaki, N. **Conhecimento e uso de recursos vegetais de restinga por comunidades das ilhas do Cardoso (SP) e de Santa Catarina (SC).** Acta Botanica Brasilica, 22(1): 203-215, 2008.

Moriet, S. A.; Silva, L. A.; Coradin, L. **Manual de manejo do Herbário Fanerógamo.** Ilhéus: Centro de Pesquisas do Cacau, 1989. 103p.

Moro, M. F.; Souza, V. C.; Oliveira-Filho, A. T.; Queiroz, L. P.; Fraga, C. N.; Rodal, M. J. N.; Araújo, F. S.; Martins, F. R. **Alienígenas na sala: o que fazer com espécies exóticas em trabalhos de taxonomia, florística e fitossociologia?** Acta Botanica Brasilica, 26(4): 991-999, 2012.

Prefeitura Municipal de Niterói. **Programa Niterói Protegida.** 2013. Disponível em: <<http://www.niteroi.rj.gov.br>>. Acesso em: 07 de mai. de 2016.

Santos, M. G.; Fevereiro, P. C. A.; Reis, G. A.; Barcelos, J. I. **Recursos vegetais da Restinga de Carapebus, Rio de Janeiro, Brasil.** Revista Biologia Neotropical, 6(1): 35-54, 2009.

Silva Júnior, G. L.; Souza, R. M. **As comunidades tradicionais e a luta por direitos étnicos e coletivos do Sul do Brasil.** Revista Faculdade de Direito da UFG, 33(2): 128-142, 2009.

Toledo, V. M.; Barrera-Bassols, N. **A etnoecologia: uma ciência pós-normal que estuda as sabedorias tradicionais.** Revista Desenvolvimento e Meio Ambiente, (20): 31-45, 2009.

ABSTRACT: A traditional community of Praia do Sossego is located in the Municipality of Niterói, which has been living there for more than 30 years, currently living artisanal fishing and sustainable extractivism of plant species. The lack of knowledge of this community entails the need to register and value these knowledge. The objectives of this work were to register the traditional knowledge historically located in its specific territory, through the survey and identification of the plant species used by the traditional group. interviews were

conducted with the selected residents and the methodology "History of life" was also used. The collection of the botanical material and the information about the uses were made through the guided tour. The collected material was identified and deposited in the Herbarium of the Federal Fluminense University. 50 ethnospecies were cited by the informants, referring to 25 botanical species. Four cultivated species were registered, 7 naturalized and 13 native. Of the native plants, three are endemic to Brazil, two of which are exclusive to the Atlantic Forest. Twenty botanical families were found, being the most representative: Myrtaceae (4 species) and Anacardiaceae (3 species). The traditional community of Praia do Sossego presents an ethnobotanical knowledge and a great contact with the native flora, through the sustainable extractivism of medicinal and alimentary plants. It is necessary to value these knowledge as a way of recognizing these residents as a traditional group belonging to the Municipality of Niterói.

KEYWORDS: Traditional knowledge, restinga, artisanal fisherman

Sobre os autores:

ADILVA DE SOUZA CONCEIÇÃO: Professora da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), Departamento de Educação, *Campus VIII*, Paulo Afonso, Bahia, Brasil; Membro do corpo docente permanente do Programa de Pós-Graduação em Biodiversidade Vegetal (PPGBVeg) da Universidade do Estado da Bahia; Graduação em Ciências Biológicas pela Universidade Católica do Salvador; Mestrado em Biologia Vegetal pela Universidade Federal de Pernambuco; Doutorado em Botânica pela Universidade Estadual de Feira de Santana; Pós Doutorado em Biologia Molecular Vegetal pela Universidade de Montréal; Grupo de Pesquisa: Biodiversidade Vegetal com ênfase na flora da Bahia (CNPq).

ADRIELLY FERREIRA DA SILVA: Graduação em Licenciatura Plena em Ciências Biológicas pela Universidade Federal da Paraíba (2017); Membro do Grupo de Pesquisa “Pesquisas e Estudos Interdisciplinares em Ensino de Ciências Biológicas” atuando na linha de pesquisa “Comunicação, Ensino e Aprendizagem em Biologia” sob a orientação do Professor Dr. Rivete Silva de Lima; Membro do Laboratório de Anatomia Vegetal (LAVeg) da Universidade Federal da Paraíba; Bolsista do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). E-mail para contato: adriellyfdasilva@hotmail.com

ALESSANDRO SOARES PEREIRA: Graduando em Ciências Biológicas pela Universidade Federal de Campina Grande-UFCG. Centro de Formação de Professores –CFP, Campus Cajazeiras-PB.

ALISSON PLÁCIDO DA SILVA: Graduação em Licenciatura Plena em Ciências Biológicas pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB), João Pessoa – PB.

DAGMAR SANTOS ROVERATTI: Possui graduação em Ciências Biológicas, mestrado em Agronomia pela ESALQ - USP e doutorado em Saúde Ambiental - USP. É professora em Regime de Tempo Integral do Centro Universitário Fundação Santo André, ministrando disciplinas relacionadas às áreas de Botânica, Ecologia e Pesquisa; membro integrante do conselho editorial da Revista RadarScientia; escritora e consultora do Instituto de Prevenção, Saúde e Sexualidade; revisora de textos técnicos para a Editora Moderna. Foi assessora técnica do Projeto Arandú-Porã (Seleção Pública Petrobras Ambiental 2006). Tem experiência nas áreas de Botânica, Meio Ambiente e Saúde Pública, atuando principalmente nos seguintes temas: plantas medicinais, plantas tóxicas, etnobotânica, arborização urbana, invasão biológica; educação ambiental, saúde ambiental.

DIEGO AUGUSTO OLIVEIRA DOURADO: Professor do Centro de Ensino Superior do Vale do São Francisco (CESVASF), Belém do São Francisco, Pernambuco, Brasil; Graduação em Licenciatura em Ciências com habilitação em Biologia pela Universidade do Estado da Bahia (UNEB); Mestrado em Biodiversidade Vegetal

pela Universidade do Estado da Bahia (UNEB); Doutorando em Educação em Ciências pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

EMILY GOMES: Graduanda em Ciências Biológicas pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ); Grupo de pesquisa: Núcleo de Estudos Paleobiogeoclimáticos (NePaleo); E-mail para contato: emilygomesbio@gmail.com

ERMELINDA MARIA DE-LAMONICA-FREIRE: Professora do Centro Universitário de Várzea Grande – UNIVAG; Graduação em Licenciatura Plena em História Natural pela Universidade Federal de Mato Grosso – UFMT; Mestrado em Ciências Biológicas pelo Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia; Doutorado em Ciências Biológicas (Botânica) pela Universidade de São Paulo – USP; E-mail: dindamadinha@yahoo.com.br

FRANCISCO DE ASSIS RIBEIRO DOS SANTOS: Professor Titular da Universidade Estadual de Feira de Santana; Membro do corpo docente do Programa de Pós-Graduação em Botânica da Universidade Estadual de Feira de Santana; Graduação em Ciências Biológicas pela Universidade Federal da Bahia; Mestrado em Botânica pela Universidade Federal Rural de Pernambuco; Doutorado em Ciências Biológicas (Botânica) pela Universidade de São Paulo; Pós Doutorado em Palinologia pela Escuela Nacional de Ciencias Biológicas (Instituto Politécnico Nacional, México); Grupo de pesquisa: Micron Bahia; Bolsista de Produtividade em Pesquisa pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico CNPq - Nível 2.

GERMANA BUENO DIAS: Possui graduação em Ciências Biológicas pela Faculdade de Saúde e Meio Ambiente, mestrado em Biologia Vegetal pela Universidade Federal do Espírito Santo e doutorado em Biotecnologia e Biotecnologia pela Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro. Atualmente é Professora Visitante da Universidade Federal de Roraima no Programa de Pós-graduação de Ciências da Saúde - PROCISA. (germanabueno@yahoo.com.br)

GLÓRIA MARIA DE FARIAS VIÉGAS AQUIJE: Possui graduação em Ciências Biológicas pela Universidade Federal do Espírito Santo, mestrado em Ciências Biológicas (Botânica) pela Universidade Federal do Rio de Janeiro e doutorado em Biotecnologia pela Universidade Federal do Espírito Santo/ Rede Nordeste de Biotecnologia. Atualmente é Professora efetiva do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Espírito Santo. (gloriaviegas@ifes.edu.br)

HELOISA HELENA GOMES COE: Professor da Universidade do Estado do Rio de Janeiro; Membro do corpo docente do Programa de Pós-Graduação em Dinâmica dos Oceanos e da Terra da Universidade Federal Fluminense; Graduação em Geografia pela Universidade Federal Fluminense. Mestrado em Geografia Física pela Universidade Louis Pasteur, Strasbourg I, França. Doutorado em Geologia e Geofísica Marinha pela Universidade Federal Fluminense. Grupo de pesquisa:

Núcleo de Estudos Paleobiogeoclimáticos (NePaleo). Bolsista Produtividade em Pesquisa (Prociência) pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

HELOISA PINTO DIAS: Licenciada em Química pelo Instituto Federal do Espírito Santo. Mestrado em Química - pela Universidade Federal do Espírito Santo. Atualmente é aluna de doutorado em Química da UFES e Professora da Faculdade Católica Salesiana do Espírito Santo - Vitória. (heloisapintodias@gmail.com)

JAQUELINA ALVES NUNES FARIA: Professora da Universidade do Estado de Minas Gerais Unidade Carangola; Graduação em Ciências Biológicas pela Universidade do Estado de Minas Gerais - UEMG Unidade Carangola. Mestrado em Botânica pela Universidade Federal de Viçosa-UFV; Doutorado em Botânica pela Universidade Federal de Viçosa-UFV; Pós-Doutorado em Solos e Nutrição de Plantas pela Universidade Federal de Viçosa-UFV; Grupo de Pesquisa: 1. Ecologia Evolução Conservação de Ecossistemas Terrestres e Educação Ambiental. 2. Ecologia Funcional e Filogenética de Ecossistemas Terrestres; E-mail para contato: jaquelina.nunes@uemg.br.

JÉSSIKA LIMA CRUZ: Licenciada em Química pelo Instituto Federal do Espírito Santo/Campus Vitória. Especialização em Educação Ambiental pelo CENTRO DE ESTUDO AVANÇADO EM PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA. Atualmente é Professora de Química- Eja da SESI - Departamento Regional do Espírito Santo. (jessika.lima.cruz@gmail.com)

JULIANA SANTOS-SILVA: Professora da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), Departamento de Educação, *Campus VIII*, Paulo Afonso, Bahia, Brasil; Membro do corpo docente permanente do Programa de Pós-Graduação em Biodiversidade Vegetal (PPGBVeg) da Universidade do Estado da Bahia; Graduação em Ciências Biológicas pela Universidade Federal Rural de Pernambuco; Mestrado em Botânica pela Universidade Federal Rural de Pernambuco; Doutorado em Biologia Vegetal pela Universidade Estadual de Campinas; Grupo de Pesquisa: Biodiversidade Vegetal com ênfase na flora da Bahia (CNPq).

KAREN ELINE BARBOSA FERREIRA: Aluno de graduação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro; - Grupo de pesquisa: Ensino de Ciências e Biologia; - Bolsista de estágio interno complementar (CETREINA - UERJ): O Parque Nacional da Tijuca e a sua contribuição como um espaço não formal de ensino.

LAZARO BENEDITO DA SILVA: Professor Associado da Universidade Federal da Bahia; Membro do corpo docente do Programa de Pós-Graduação em Ecologia (Mestrado Profissional) da Universidade Federal da Bahia; Graduação em Ciências Biológicas pela Universidade Federal da Bahia; Mestrado em Botânica pela Universidade Federal Rural de Pernambuco; Doutorado em Botânica (em curso) pela Universidade Estadual de Feira de Santana; Pós Doutorado em

Anatomia da Madeira pelo Museu Nacional de História Natural e da Ciência da Universidade de Lisboa, Portugal.

LEANDRO DE OLIVEIRA FURTADO DE SOUSA: Professor da Universidade Federal Rural do Semi-Árido; Graduação em Ciências Biológicas pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro; Mestrado em Ciências Biológicas (Botânica) pelo Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro; Doutorado em Ciências Biológicas (Botânica) pelo Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro. E-mail para contato: leandro@ufersa.edu.br

LÍVIA KARINE DE PAIVA FERREIRA COSTA: Graduação em Licenciatura Plena em Ciências Biológicas pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB), João Pessoa – PB.

LUCIENE CRISTINA LIMA E LIMA: Professora da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), Departamento de Ciências Exatas e da Terra, *Campus II*, Alagoinhas, Bahia, Brasil; Membro do corpo docente permanente do Programa de Pós-Graduação em Biodiversidade Vegetal (PPGBVeg) da Universidade do Estado da Bahia; Graduação em Ciências Biológicas pela Universidade Federal da Bahia; Mestrado em Ciências Agrárias pela Universidade Federal da Bahia; Doutorado em Botânica pela Universidade Estadual de Feira de Santana; Grupo de Pesquisa: Biodiversidade Vegetal com ênfase na flora da Bahia (CNPq); E-mail para contato: llima@gd.com.br.

LUCINEIA ALVES: Professora da Secretaria Municipal de Educação da Cidade do Rio de Janeiro; - Graduação em Ciências Biológicas pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro; - Especialização em Ensino de Ciências pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro; - Mestrado em Biologia Celular pelo Instituto Oswaldo Cruz da Fundação Oswaldo Cruz – RJ; - Doutorado em Biologia Celular e Molecular pelo Instituto Oswaldo Cruz da Fundação Oswaldo Cruz – RJ; - Pós-doutorado em Neurociências pela Universidade Federal do Rio de Janeiro; - E-mail para contato: lucineia@histo.ufrj.br

LUÍSA AMEDURI: Formada em Ciências Biológicas pelo Centro Universitário Fundação Santo André (2016). Sempre foi apaixonada pela vida em todas as suas formas e especialidades. Despertou seu interesse pela botânica quando auxiliou nas pesquisas de campo para estudo de mestrado que analisou a interação ecológica entre cactaceae e aranhas, na Reserva do Alto da Serra de Paranapiacaba (2013). Em 2014 teve a oportunidade de trabalhar em campo com diagnóstico e risco de queda de árvores, junto do Instituto de Pesquisas Tecnológicas, em um projeto de arborização no município de Mauá-SP. Tem grande interesse em continuar seus estudos em arborização urbana, ciências florestais, recuperação de áreas degradadas e conservação do meio ambiente. Email: luisa.ameduri@gmail.com

MARCELO DOS SANTOS SILVA: Professor Substituto da Universidade Federal da Bahia; Graduação em Ciências Biológicas pela Universidade Federal da Bahia; Mestrado em Botânica pela Universidade Estadual de Feira de Santana; Doutorando em Botânica pela Universidade Estadual de Feira de Santana; E-mail para contato: marcelssa@hotmail.com

MARCO AURELIO SIVERO MAYWORM: Professor da Universidade de Santo Amaro e do Centro Universitário Adventista de São Paulo. Graduação em Ciências Biológicas (Licenciatura e Bacharelado) pela Universidade de São Paulo. Mestrado em Ciências Biológicas (Botânica) pela Universidade de São Paulo. Doutorado em Ciências Biológicas (Botânica) pela Universidade de São Paulo. Pós Doutorado em Botânica pela Universidade de São Paulo. Grupo de Pesquisa: Laboratório de Fitoquímica da Universidade de Santo Amaro e Laboratório de Fitoquímica do Instituto de Biociências (USP). Bolsista de Produtividade em Pesquisa pela Fundação.

MARIA DO SOCORRO PEREIRA: Bacharel e Licenciada em Ciências Biológicas pela Universidade Federal da Paraíba (1997 e 1998, respectivamente), Mestre em Biologia Vegetal pela Universidade Federal de Pernambuco (2002) e Doutora em Biologia Vegetal pela Universidade Federal de Pernambuco (2007). Atualmente é Professora Classe D/Associado na Universidade Federal de Campina Grande (UFCG) e Coordenadora de Área do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência - Pibid, vinculada ao Pibid/UFCG Subprojeto Biologia.

NICOLAS RIPARI: Graduação em Ciências Biológicas (Bacharelado) pelo Centro Universitário Adventista de São Paulo. Mestrado em aqüicultura e Pesca pelo Instituto de Pesca de São Paulo (Em andamento). E-mail para contato: nicolasripari@yahoo.com.br

ODARA HORTA BOSCOLO: Professora Adjunta da Universidade Federal Fluminense, Professora colaboradora do Mestrado Profissional em Diversidade e Inclusão da Universidade Federal Fluminense e coordenadora do Laboratório de Botânica Econômica e Etnobotânica da mesma Universidade. É Doutora em Etnobotânica pelo Museu Nacional/ Universidade Federal do Rio de Janeiro, Mestre em Botânica pelo Museu Nacional/ Universidade Federal do Rio de Janeiro, com Graduação em Ciências Biológicas pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. odaraboscolo@hotmail.com

PRÍMULA VIANA CAMPOS: Graduação em Ciências Biológicas pela Universidade Federal de Viçosa-UFV; Mestrado em Botânica pela Universidade Federal de Viçosa-UFV; Doutoranda em Botânica pela Universidade Federal de Viçosa-UFV; Grupo de pesquisa: Ecologia Funcional e Filogenética de Ecossistemas Terrestres; E-mail para contato: primula_v@yahoo.com.br

RAPHAELLA RODRIGUES DIAS: Graduação em Ciências Biológicas - Licenciatura pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ); Graduação em Geografia - Licenciatura pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ); Mestrado em andamento em Dinâmica dos Oceanos e da Terra pela Universidade Federal Fluminense (UFF); Grupo de Pesquisa: Núcleo de Estudos Paleobiogeoclimáticos (NePaleo). E-mail para contato: raphaella.r.dias@gmail.com

RENATA SIRIMARCO DA SILVA RIBEIRO: Bióloga formada pela Universidade Federal Fluminense. É estagiária do Laboratório de Botânica Econômica e Etnobotânica da Universidade Federal Fluminense e Bolsista de Iniciação em Desenvolvimento Tecnológico e Inovação (PIBITI) da mesma Universidade. renata_sirimarco@hotmail.com

RIVETE SILVA DE LIMA: Professor da Universidade Federal da Paraíba; Graduação em Ciências Biológicas pela Universidade Federal do Ceará (1988); Mestrado em Botânica pela Universidade Federal Rural de Pernambuco (1994); Doutorado em Botânica pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (2005); Coordenador do Laboratório Interdisciplinar de Ensino Pesquisa e Extensão e do Programa de Mestrado Profissional em Ensino de Biologia - PROFBIO. E-mail para contato: rivete@terra.com.br

RÚBIA DE SOUZA PEREIRA: Graduação em Ciências Biológicas pela Universidade do Estado de Minas Gerais Unidade Carangola; E-mail para contato: rubia.souzap20@gmail.com.

SARAH DOMINGUES FRICKS RICARDO: Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Botânica do Museu Nacional / Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ); Graduação em Ciências Biológicas pela Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ); Grupo de pesquisa: Laboratório de Florística e Biogeografia Insular & Montana (Lamom) e Núcleo de Estudos Paleobiogeoclimáticos (NePaleo). Bolsista de mestrado pela Fundação CNPq; E-mail para contato: sarah.fricks@gmail.com

WAISENHOWERK VIEIRA DE MELO: Professor da Universidade do Estado do Rio de Janeiro; - Membro do corpo docente do Programa de Pós-Graduação stricto sensu em Ensino de Biologia (PROFBIO - polo UERJ); - Graduação em Licenciatura em Biologia pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro; - Mestrado em Biociências Nucleares pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro; - Doutorado em Ciências e Biotecnologia pela Universidade Federal Fluminense; - Coordenador do Curso de Pós-graduação em Ensino de Ciências e Biologia da UERJ.

WILIAN DE OLIVEIRA ROCHA: Professor do Centro Universitário de Várzea Grande – UNIVAG; Graduação em Engenharia Florestal pela Universidade Federal de Mato Grosso – UFMT; Mestrado em Ciências Florestais e Ambientais pela Universidade

Federal de Mato Grosso - UFMT; Grupo de Pesquisa: Flora, Vegetação e Etnobotânica (FLOVET/UFMT); E-mail: wilianroch@hotmail.com

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-93243-74-5



9 788593 243745